

LAUDALINO DA PONTE PACHECO, O FOTOGRAFO DA MAIA, SÃO MIGUEL (AÇORES)

MARIA EMANUEL PACHECO VIEIRA SOARES DE ALBERGARIA*

Fecha de recepción: 30 de julio de 2023

Fecha de aceptación: 7 de septiembre de 2023

Resumen: Laudalino da Ponte Pacheco (1921-1998) foi un fotógrafo que nasceu e viveu na costa norte da ilha de São Miguel, na freguesia da Maia, no concelho da Ribeira Grande, Açores. Apesar de ter um emprego a tempo inteiro na Fábrica de Tabaco da Maia, foi também o «retratista» da sua comunidade e das localidades vizinhas. Começou a fotografar a partir de 1953, ano em que recebeu uma câmara fotográfica vinda do Canadá. O legado fotográfico está depositado na Santa Casa da Misericórdia do Divino Espírito Santo da Maia, é constituído por cerca de 155 000 negativos, e alguns artefactos, que retratam a sociedade rural de São Miguel na segunda metade do século xx.

Palabras claves: Pacheco, Laudalino da Ponte (1921-1998); Fotografia; São Miguel, Açores; Comunidade.

Abstract: Laudalino da Ponte Pacheco (1921-1998) was a photographer who was born and lived on the northern coast of the island of São Miguel, in the parish of Maia, in the municipality of Ribeira Grande, Azores. Despite having a full-time job at the Maia Tobacco Factory, he was also the «portraitist» of his community and the neighboring areas. He began taking photographs in 1953 when he received a camera from Canada. His photographic legacy is held at the Santa Casa da Misericórdia do Divino Espírito Santo in Maia and consists of approximately 155,000 negatives and some artifacts that depict the rural society of São Miguel in the second half of the 20th century.

Key words: Pacheco, Laudalino da Ponte (1921-1998); Photography; São Miguel, Azores; Community.

* Museu Carlos Machado, Ponta Delgado, Açores (Portugal). Correo electrónico: mariaemanuel.albergaria@gmail.com

«Lá vem o retratista». Era assim que era anunciava a chegada do fotógrafo Laudalino da Ponte Pacheco, quando este era avistado pelas gentes dos povoados da costa norte da ilha de São Miguel, vinha de mota, primeiro numa *Zündapp*, depois numa BSA 250 e mais tarde numa Yamaha 125.

O primeiro contato que tive com as fotografias de Laudalino ocorreu em 2015, no Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, onde trabalhava então, no departamento do Património Cultural Imaterial. Foi Laudalino Pacheco, o filho do fotógrafo, que nos foi mostrar as fotografias do pai, chegou com um computador portátil em que estavam digitalizadas imagens, a partir dos negativos fotográficos, mostrou-nos uma seleção muito interessante e muito representativa do legado fotográfico do seu pai. Pretendia, acima de tudo, partilhar e validar junto de nós, o interesse e a qualidade das fotografias de que ele e a família eram detentores.

As imagens que vi causaram-me emoção, espanto e fascínio, sobretudo pela intensidade dramática e realismo que transmitem. Foi sem dúvida uma experiência marcante e inquietante, pois provocou interrogações, vontade de saber mais sobre o fotógrafo e sobre as imagens que realizou, aguçando em mim a curiosidade sobre o contexto social, as geografias e as vivências da época. Ficaram abertas portas para interrogações, procura de respostas e ampliação de conhecimentos, no sentido de uma melhor compreensão da realidade e das vivências que aquelas imagens revelavam.

LAUDALINO DA PONTE PACHECO

Laudalino da Ponte Pacheco nasceu no ano de 1921, na Ribeirinha, na costa norte da ilha de São Miguel, nos Açores e faleceu na Maia no ano de 1998, com 77 anos de idade.

Laudalino foi o mais velho dos cinco filhos de José Remígio e Maria das Mercês. Uma vulnerabilidade física numa perna, que o acompanhou desde criança, poupou-o da realização de deter-

minadas tarefas que usualmente eram praticadas pelas crianças e pelos jovens da sua condição social, como o trabalho nas terras, entre outras.

Era uma criança pequena, quando a família se mudou para a Maia, freguesia de onde eram naturais os seus pais e os seus avós, e foi nessa freguesia que cresceu e viveu toda a sua vida.

Estudou até à 4.^a classe e aos 14 anos foi trabalhar para a Fábrica de Tabaco da Maia, emprego que manteve durante 51 anos. Foi ali que começou a namorar com Maria dos Anjos Medeiros, com quem viria a casar em 1957, e com quem teve três filhos, a Paula Maria (1958-2011), a Mercês (1960) e o Laudalino (1965). Entre as várias tarefas que exerceu na fábrica, especializou-se enquanto escriturário, formação que viria a aplicar no registo dos seus disparos fotográficos.

FREGUESIA DA MAIA

A Maia é uma freguesia situada na costa norte da ilha de São Miguel, Açores, no concelho da Ribeira Grande, com cerca de 22 km². Sendo uma zona fértil, o seu povoamento ocorreu logo no início da descoberta da ilha de São Miguel¹, no século xv. No final do século xvi, contava com cerca de 300 moradores. Em 2011, a Maia tinha cerca 1 900 habitantes.

O sistema de ocupação do território na ilha de São Miguel caracterizou-se por uma minoria de proprietários e uma maioria de assalariados e arrendatários das terras, o que agravou as desigualdades sociais e a pobreza da maioria da população face à riqueza e à abundância de um pequeno grupo de terratenentes.

Ao longo da colonização as monoculturas dominantes foram sucessivamente entrando em crise, o trigo, o pastel, o linho, a vi-

1. As ilhas de Santa Maria e de São Miguel foram as primeiras ilhas do arquipélago dos Açores, a serem descobertas pelos navegadores portugueses, em 1427.

nha e a laranja. Nos finais do século XIX, criaram-se alternativas para inovar a agricultura regional, ensaiando-se o milho para forragem do gado, o maracujá, a batata doce, o ananás, a beterraba, a espadana, o chá e o tabaco.

Os séculos XIX e XX trouxeram alguma dinâmica à Maia, principalmente ao nível da organização política, da economia, da educação, da cultura e dos acessos. Nomeadamente, o cultivo do tabaco e do chá foram muito bem-sucedidos e tiveram um papel fundamental no desenvolvimento económico desta zona. A Fábrica de Tabaco da Maia foi fundada em 1871 (hoje Museu do Tabaco) e a Fábrica de Chá Gorreana (atualmente Plantações de Chá Gorreana) foi fundada em 1883.

Em 1919 constituiu-se a Irmandade do Hospital da Maia que deu origem à Santa Casa da Misericórdia do Divino Espírito Santo da Maia, esta instituição atua hoje em diversas áreas sociais e culturais daquele território. A Casa do Povo da Maia foi fundada em 1978.

Apesar de algum progresso e melhoramento das condições de vida ocorridos nos finais do século XIX e primeira metade do século XX, a vida continuava a ser muito difícil para a maioria das pessoas: *«A Maia tinha um grupo de teatro, uma banda filarmónica e um grupo coral, mas a vida era muito difícil. A Maia era uma terra de fome terrível, as pessoas ou eram ricas ou eram pobres. Havia uma separação no território: da ponte para baixo eram os mais pobres. A primeira emigração ocorreu em 1953, a segunda em 1954 e a terceira em 1955»*, relatou João Bulhões².

Laudalino cresceu e viveu nesta comunidade rural, onde a família, a religião e o trabalho eram valores interligados e inquestionáveis, pois pertenciam à esfera do sagrado. Contudo, a sua época foi também tempo de muitas mudanças marcadas pelos progressos científicos, económicos e sociais. Os movimentos emigratórios

2. João Bulhões nasceu em 1953, na Maia. Foi gerente na Fábrica de Tabaco e trabalhador independente. Atualmente é tesoureiro na Santa Casa da Misericórdia do Divino Espírito Santo da Maia.

dos Açores para a América do Norte, aos poucos fizeram sonhar e acreditar numa vida melhor, um mundo repleto de abundância e mobilidade social. Aos poucos chegavam ideias, objetos, desejos, sonhos, novos horizontes de possibilidades se abriam, a modernidade começava a manifestar-se na ruralidade da ilha.

As várias pessoas que entrevistei sobre Laudalino, foram unânimes na afirmação de determinadas características da sua personalidade: *«era um homem muito imaginativo, muito talentoso, um engenhocas, divertido, cumpridor, trabalhador e fura vidas, muito dotado, comum grande fascínio pelas novas tecnologias»*, referiu João Bulhões

«Reparava rádios e outros eletrodomésticos, tinha muita habilidade manual, quer na marcenaria, como também na criação e realização de projetos, como por exemplo, o Presépio que criava e montava todos os natais, enorme, com quedas de água, bonecos em movimento, imensas cenas da vida quotidiana, instalava-o num quarto da nossa casa, aberto aos vizinhos e aos visitantes, para que o pudessem apreciar», contou Laudalino, filho.

«Quando foi construída a “casa nova”, em 1964, o meu pai instalou nela toda a rede elétrica, apesar de não haver eletricidade pública na Maia, e esta só ter chegado nos finais dos anos 70. Na época das festas religiosas da freguesia, a igreja era toda enfeitada e iluminada com luz elétrica, através de um gerador, então o meu pai puxava a corrente, e a nossa casa ficava toda iluminada, constituindo uma atração da freguesia. Este episódio demonstra bem como ele era uma pessoa muito à frente!» —relatou o filho.

Foi provavelmente em 1953 que o irmão mais novo de Laudalino, Dionísio, emigrado no Canadá, em Montreal, lhe enviou, aquela que seria a sua primeira câmara fotográfica. Este «engenho» veio mudar a sua vida. A sua personalidade curiosa e empreendedora, aliada à posse daquele novo «artefacto», constituíram ingredientes para uma mudança de «destino», levando-o a uma nova etapa da sua vida.

Laudalino decidiu, com o apoio da família, montar um pequeno negócio de fotografia. As suas primeiras fotografias foram



retratos para passaportes e bilhetes de identidade, que mandava revelar na Foto Nóbrega, em Ponta Delgada. O negócio aos poucos foi crescendo, com novas imagens, com o registo de momentos do quotidiano da vida na comunidade onde vivia, as fotos que sobravam no rolo foram uma oportunidade para registar e experimentar outros disparos e enquadramentos, nomeadamente registos a partir da sua vida familiar.

No seu acervo encontramos imagens de festas, matanças de porco, procissões, casamentos, romarias, enterros, velórios de crianças (os «anjinhos») registos de partidas e de chegadas, estabelecimentos comerciais, ofícios, espaços exteriores, campos, animais, espaços interiores, edifícios, casas, transportes, jogos desportivos, bandas, teatros e muitas imagens de pessoas que lhe encomendavam «retratos» para registar memórias para a posteridade, para enviar a os familiares emigrados, por exemplo, imagens de pessoas muito idosas, «quase mortas», também de ocasiões especiais, como doenças, nascimentos, entre outros registos. São também muitas as fotografias de momentos do quotidiano da



sua família, dos filhos, dos pais, irmãos, piqueniques, aniversários, entre outros.

O seu percurso fotográfico iniciou-se na Maia, com a expansão do negócio aumentou o seu raio de ação, estendendo-o a novas geografias, começou pelas freguesias vizinhas e depois foi indo mais além na ilha de São Miguel. Há também registos fotográficos no Canadá, para onde viajou duas vezes.

No início, deslocava-se de bicicleta até ao Porto Formoso e à Lomba da Maia, depois vieram as motorizadas. Contou sempre com a colaboração da família, Laudalino tirava as fotografias e Maria dos Anjos tomava nota dos pedidos e das repetições. Em casa preparava os rolos e depois enviava-os ao Nóbrega —seguiam na camioneta pela mão do irmão, José Remígio, que era cobrador na empresa de camionetas, Caetano Raposo Pereira—. O Nóbrega revelava as películas e imprimia as fotografias em papel, estas vinham de camioneta para a Maia, pela mão do irmão José, e eram distribuídas aos clientes pelo fotógrafo, pela Maria dos Anjos e também, a partir de determinada época, pela filha Mercês.

Em Ponta Delgada, haviam-se instalado, em 1942, dois jovens madeirenses, Leandro Nóbrega e Gilberto Nóbrega (1919-2003), este um jovem amante de fotografia, que estagiara na Photographia Atelier Vicente's, no Funchal. Os dois irmãos abriram a Foto Nóbrega, em Ponta Delgada.

Desde cedo, Laudalino procurou esta casa de fotográfica, a maior de Ponta Delgada, para a revelação das suas fotos, para adquirir rolos fotográficos e, sobretudo, para aconselhamento junto do «Senhor Nóbrega» (assim era conhecido o fotógrafo Gilberto Nóbrega), por quem cultivou admiração e amizade, visitando com frequência a Foto Nóbrega em Ponta Delgada.

«O Nóbrega vinha visitar o meu pai muitas vezes à Maia, almoçava em nossa casa e depois iam os dois tirar fotografias para os campos. Mas era eu quem acartava com o material fotográfico que era bem pesado, máquinas, tripés, por isso não gostava muito destas visitas... Mas o que é certo é que o Nóbrega enviava sempre o serviço a tempo e horas. Quando o meu pai ia a Ponta Delgada, visitava os estúdios do Nóbrega e certamente terá aprendido e terá sido aconselhado por ele sobre a arte de fotografar», explicou o filho.

Com o florescer do negócio, Laudalino adquiriu uma Leica. *«Chegou a ter duas Leicas e uma Praktica, que não usou muito. Depois vieram as Canons, nos anos 80, para as fotografias a cores. Uma delas veio do Canadá, lembro-me bem do meu pai estar muito ansioso à espera da chegada da encomenda da Cannon».*

Laudalino não emprestava a máquina a ninguém, exceto à filha Mercês, que chegou a realizar alguns disparos. *«Orgulhava-se de não fazer desperdícios e quase sempre conseguia as 36 imagens»,* contou Mercês, que ao ajudá-lo perdeu uma ou duas fotografias, *«fogo te abrace!»*, dizia ele. *«Quando chegavam a casa as 36 fotografias, era a sua alegria. Depois vinha a tarefa de distribuí-las pelas freguesias, organizava tudo, meticulosamente, tudo era registado. Aplicava os seus conhecimentos de contabilidade, que aprendera e que exercia na fábrica».*

Como trabalhava na fábrica a tempo inteiro, normalmente era a Maria dos Anjos, com as instruções do marido, quem ia vender



as fotografias, porta a porta, de freguesia em freguesia. Ao domingo iam os três, ele, a mulher e a filha, fazer a distribuição, sempre com indicações para aliciar os clientes a adquirirem mais fotos. A hora da missa era uma hora forte para irem à procura do negócio e muitas vezes Laudalino montava cenários para atrair clientes para novas fotografias. *«Às vezes o meu pai usava o meu carrinho de brincar, um Chevrolet, e um triciclo vermelho, que tinham vindo da Base das Lajes, para atrair o negócio»*, explicou o filho.

O acervo de Laudalino da Ponte Pacheco, depositado em 2018, na Santa Casa da Misericórdia da Maia, é composto por 155 000 negativos, alguns filmes, câmaras fotográficas, uma câmara de filmar e um projetor, livros de registo e mais alguns objetos.

Em junho de 2018, o acervo de Laudalino da Ponte Pacheco foi depositado, pela família, na Santa Casa da Misericórdia do Divino Espírito Santo da Maia. Esta instituição, dirigida desde 2001 pelo provedor Laudalino Moniz Rodrigues, recebeu a coleção e, com apoio do Município da Ribeira Grande, adquiriu equipamento específico para a sua conservação; contratou Vânia

Botelho, que recebeu formação na área arquivística da fotografia, para cuidar da limpeza, digitalização, descrição, conservação e catalogação das imagens e documentação complementar, das câmaras fotográficas e de outros artefactos diretamente relacionados com o este legado.

As imagens que Laudalino registou ao longo da sua vida focam sobretudo a freguesia da Maia, o Porto Formoso e a Lomba da Maia, nas décadas de 50 (finais) 60, 70, 80 e 90 do século xx. Contudo estas fotografias projetam-se além das geografias destes povoados, pois revelam a vida quotidiana de uma época, na ilha de São Miguel e nos Açores, em geral. São imagens muito poderosas, especialmente por terem sido realizadas pelo olhar de um fotógrafo participante, fator que lhes confere uma autenticidade endógena e grande poder de comunicação. Nelas não há o olhar distante do «estrangeiro», há uma fusão entre as imagens registadas e a vida vivida pelo seu autor.

Em Laudalino a pulsão para fotografar relaciona-se com o seu espírito curioso, engenhoso, o seu carácter resiliente e empreendedor, com a vontade de enriquecer e promover o bem-estar da sua família; mas também com a sua sensibilidade estética, a capacidade de aprender e o sentido de pertença.

Provavelmente sem ter essa consciência, Laudalino da Ponte Pacheco foi um fotógrafo ativista, as suas imagens provocam sonhos, permitem guardar rituais e memórias, honrar mortos e vivos, e denunciam a condição social desfavorecida de muitos.

Outra característica deste acervo fotográfico é a sua plasticidade temporal, são imagens que relativizam a noção de tempo cronológico, pois são simultaneamente próximas e distantes no tempo, esta dimensão torna-as enigmáticas e nostálgicas.

CONCLUSÕES

As fotografias de Laudalino da Ponte Pacheco, e a sua história de vida, constituem um testemunho individual e etnográfico, funda-

mentais para uma melhor compreensão e transformação da história e sociologia dos Açores, pois compõem uma narrativa diferente daquela que é normalmente transmitida, a dos protagonistas provenientes de grupos sociais privilegiados. Laudalino é um fotógrafo do povo, que iniciou a sua carreira antes da revolução do 25 de abril de 1974, antes da instauração do regime democrático em Portugal, e este fator é essencial para o enriquecimento e a pluralidade de narrativas, especialmente quando ainda persistem estruturas muito estratificadas e pouco horizontais.

A partir do exemplo deste fotógrafo, não posso deixar de referir a importância do sonho, da criatividade, do empreendedorismo, das expressões artísticas e da tecnologia, enquanto motores de transformação social e criação de novas literacias, no acesso a melhores condições de vida, quando aplicados de forma inteligente, crítica e proativa em prol de causas pessoais e comunitárias.

A importância da emigração, as chegadas e as partidas, o intercâmbio, as trocas e o reconhecimento do valor de cada comunidade.

Por fim, mencionar o enorme potencial pedagógico dos acervos fotográficos, e a importância da sua preservação e divulgação, como ferramentas fundamentais para a ativação da memória, propulsora de uma «terapia coletiva», compreensão do passado, instrumento de cidadania que pode contribuir para viver e melhorar o presente e planejar melhor o futuro.